



OXY.SOCIAL

Inteligência Social para o Desenvolvimento Sustentável

MAIS VIDA NOS MORROS

Resumo Executivo de Pesquisa

Recife, maio de 2021.



*Mais Vida
nos
Morros**



Realização

ARIES - Agência Recife para Inovação e Estratégia

Diretor Presidente:

Marcos Baptista

Diretora Administrativo-Financeira:

Mariana Pontes

Coordenação de Projeto:

Pedro Mazzarolo e Dayane Rafael

Pesquisa

OXY.SOCIAL

Rua da Aurora, 325, Sala 1101

Boa Vista - Recife - PE

Site: <http://oxy.social>

Coordenação Geral:

Rafael dos Santos F. Sales

Coordenação Quantitativa:

Rafael dos Santos F. Sales

Coordenação Qualitativa:

Fernanda Meira de Souza

Redação:

Rafael Sales, Fernanda Meira, Juliana Cíntia e João Felipe Marques

Revisão Técnica:

Pedro Z. Malavolta

Pesquisadoras Quali:

Fernanda Meira e Juliana Cintia

Pesquisadores/as Quanti:

Eliazar Marques de Souza Junior, Flaviane Maria de Jesus, Iêda Virgínia Valeriano, Jully Karla de Lima Neves, Lorena Cronemberger, Maiara de Jesus Ribeiro, Marcio Adriano Botelho de Almeida.

Logística e supervisão de campo:

Aline Omar e João Felipe Marques



METODOLOGIA



OBJETIVOS

Objetivo geral

Entender comportamentos relacionados ao bem-estar das crianças de 0 a 6 anos de idade e seus cuidadores, assim como o comportamento da equipe que trabalhou com esses grupos.

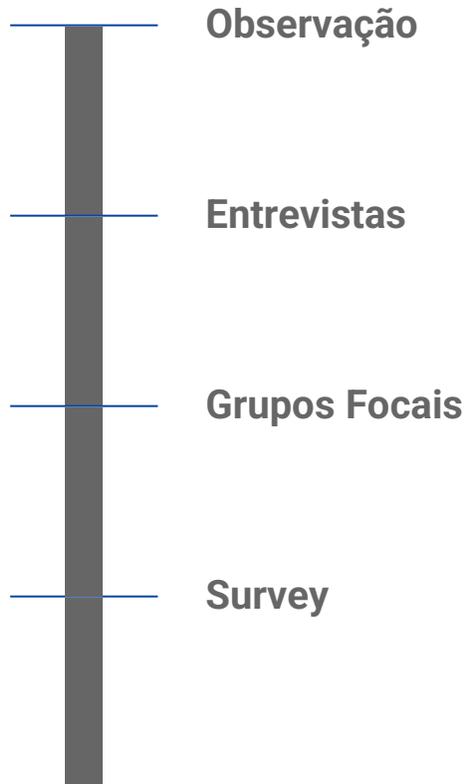
Objetivos específicos

Para identificar os determinantes comportamentais que promovem ou dificultam a adoção sustentável das seguintes linhas de base:

- a) Autogerenciamento do lixo: comportamento dos moradores sobre despejo de lixo.
- b) Brincar com crianças de 0-3: o brincar na rua.
- c) Brincar com pais: como incentivar as crianças a brincarem com os pais?
- d) Cultura da primeira infância: conhecimento dos cuidadores sobre a importância dessa cultura.

Obs.: Objetivos previamente definidos pelo Edital.

METODOLOGIA



METODOLOGIA

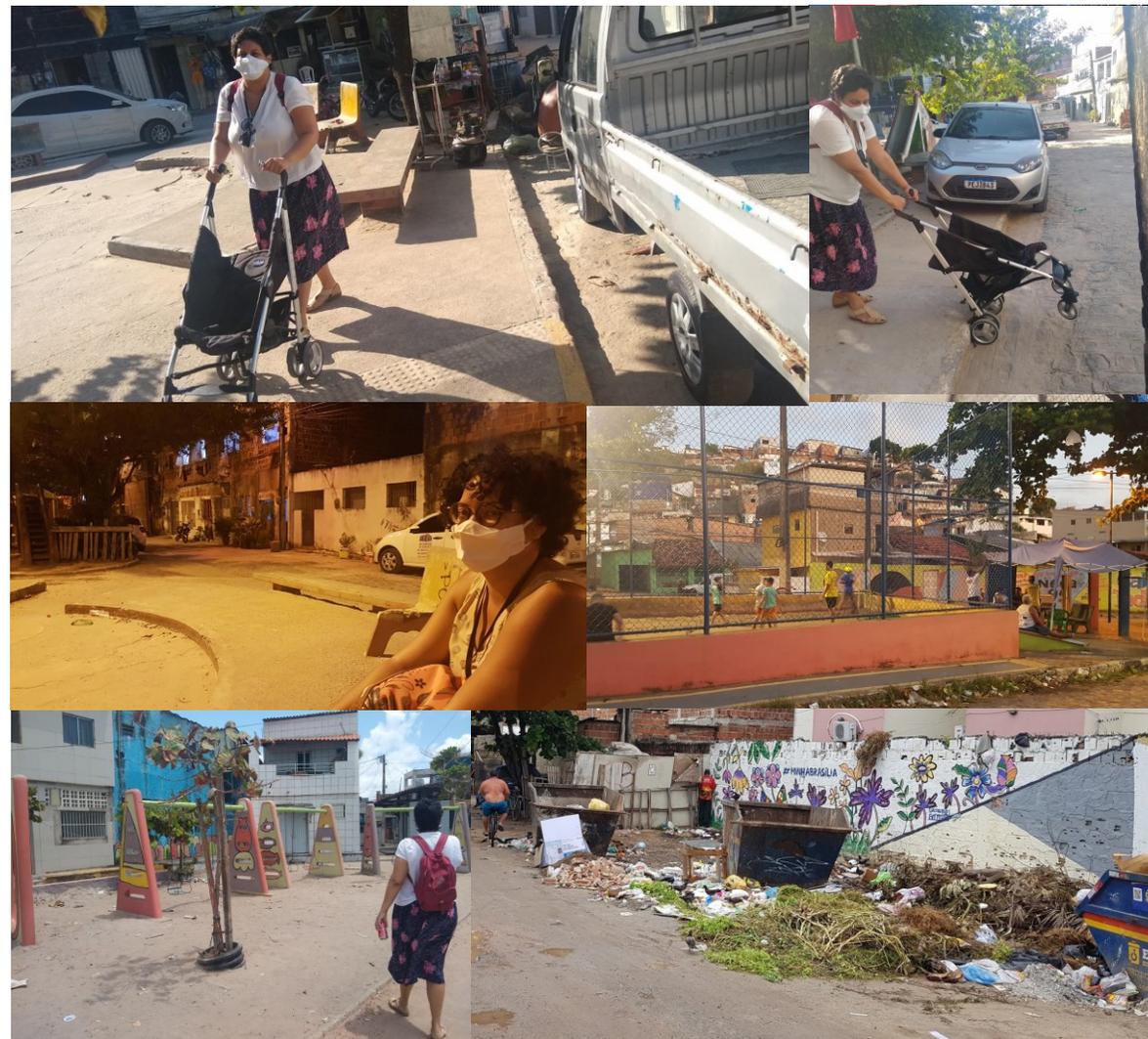
Observação

Um dia de observação etnográfica em cada local, durante a manhã, tarde e noite.

Entrevistas

Grupos Focais

Survey



METODOLOGIA

Observação



Entrevistas

31 entrevistas (presenciais e virtuais) com equipe de secretaria (20) e lideranças comunitárias (11)



Grupos Focais



Survey

METODOLOGIA

Observação

Entrevistas

Grupos Focais

6 grupos focais (2 por local) com cuidadoras/es das comunidades.

Survey



METODOLOGIA

Observação

Entrevistas

Grupos Focais

Survey

600 questionários com cuidadoras/es das comunidades. 60 questionários de pré-teste. **Amostra final: 646 entrevistadas/os**



LÓCUS DE PESQUISA

Foram selecionadas pela contratante 3 áreas do Recife que seriam representativas das áreas que receberam intervenções do MVNM e, portanto, apontam singularidades e desafios a partir das diversas maneiras como a presença do Programa se desenvolveu em cada lugar.



LÓCUS DE PESQUISA

Brasília Teimosa

Localizada na zona sul do Recife. Está rodeada pelo Oceano Atlântico de um lado e pelo Rio Capibaribe do outro. Portanto, há uma forte presença de pescadores e marisqueiras. É uma área plana que tem um histórico de intensa luta por moradia por parte dos moradores. Tem esse nome porque surge no mesmo período da construção de Brasília, capital do Brasil. Porém, ao contrário da capital, a “Brasília” do Recife tem sua origem marcada pelas várias tentativas de expulsão de seus ocupantes. Então, “Teimosa” foi adicionada.

Essa capacidade crítica e grande senso de identidade são elementos marcantes de Brasília Teimosa e refletem em sua relação com o Programa que, nesta localidade, por exigência de moradores, é rebatizado como “Mais Vida Teimosa”, demarcando as especificidades locais.



LÓCUS DE PESQUISA

Lagoa Encantada

É uma das várias localidades do populoso bairro da COHAB, localizado na zona sul do Recife. No passado, a COHAB ficou conhecida como Ibura de Cima, justamente por ter sua geografia configurada por morros. As casas seguem as encostas. O acesso é feito por rampas e escadas.

Em Lagoa Encantada observamos uma intervenção bem-sucedida no sentido da incorporação do projeto no cotidiano da comunidade, uma vez que os espaços foram apropriados pelos moradores que dão continuidade ao cuidado e preservação das intervenções. Isso também é exemplificado pela conservação da limpeza. Em toda extensão onde o projeto atuou não há presença de pontos de acúmulo de lixo, como acontecia anteriormente.



LÓCUS DE PESQUISA

Buriti

Localização do bairro Macaxeira, zona norte do Recife. Possui em sua geografia um morro bastante íngreme, o que torna o acesso bastante difícil, com longas escadarias, que formam um conjunto de ruas estreitas, e ladeiras para a subida de veículos. Suas ruas têm os nomes das mulheres da família do antigo dono da antiga Fábrica da Macaxeira.

Em contraste com a Lagoa Encantada, as intervenções no Buriti encontraram algumas resistências da comunidade em incorporar a continuidade do cuidado e conservação nas áreas onde o MVNM atuou.



- As periferias do Recife têm sido um desafio para a gestão da pandemia pelo poder público. Por razões diversas, nem sempre são cumpridos o isolamento social e o uso de máscaras recomendados;
- As crianças que víamos brincar na rua não usavam máscaras, assim como as mães e avós que, eventualmente, as supervisionavam. Entre os comerciantes e trabalhadores locais, eram poucos os que usavam máscaras. No entanto, prestadores de serviços públicos e privados (Emlurb, Correios, Celpe) usavam os equipamentos de proteção.
- Na realidade, o uso da máscara era um dos marcadores da presença forasteira de pesquisadores nas comunidades;
- Para os grupos focais foi preparada toda uma estratégia para seguir os protocolos sanitários. Na Lagoa e em Brasília Teimosa, fizemos em local aberto. No Buriti, apesar de local fechado, era amplo, não climatizado, permitindo distância entre as participantes.

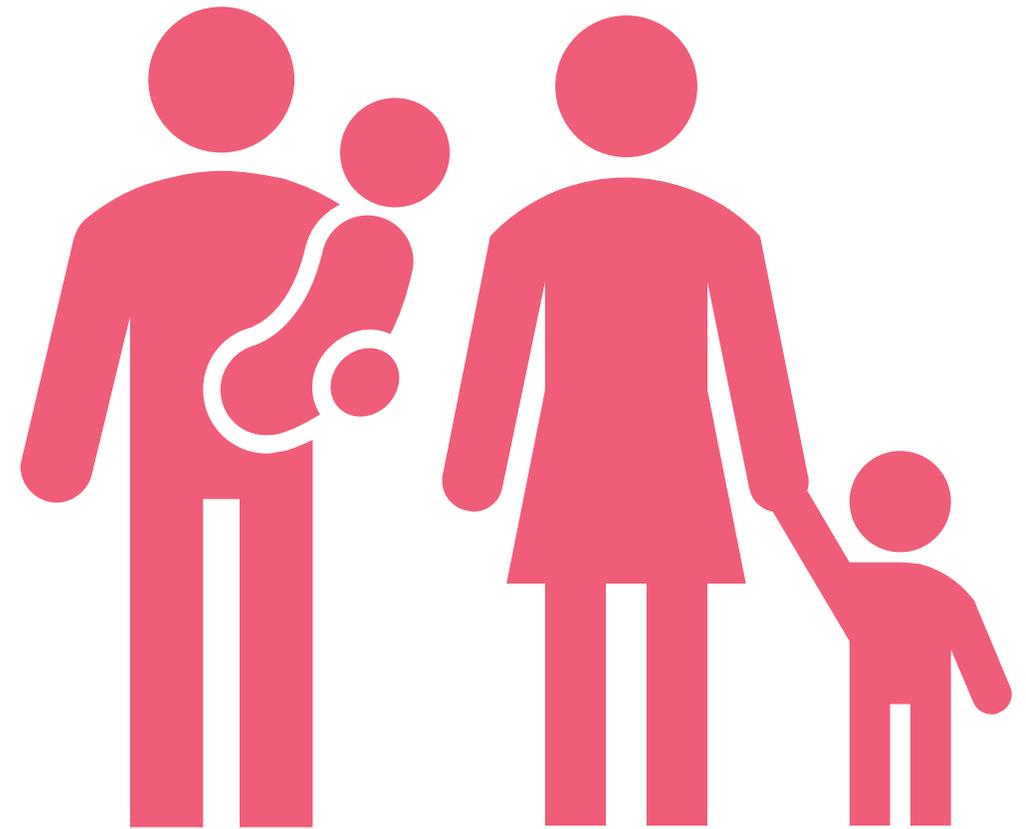
O CONTEXTO DA PANDEMIA



DESCOBERTAS

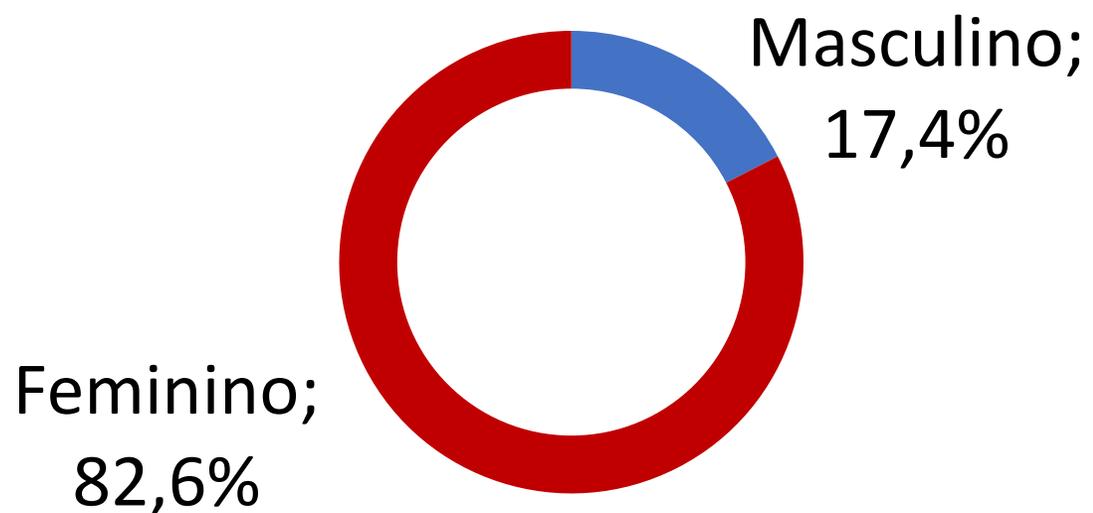


1. PERFIL DE QUEM CUIDA



PERFIL DE QUEM CUIDA

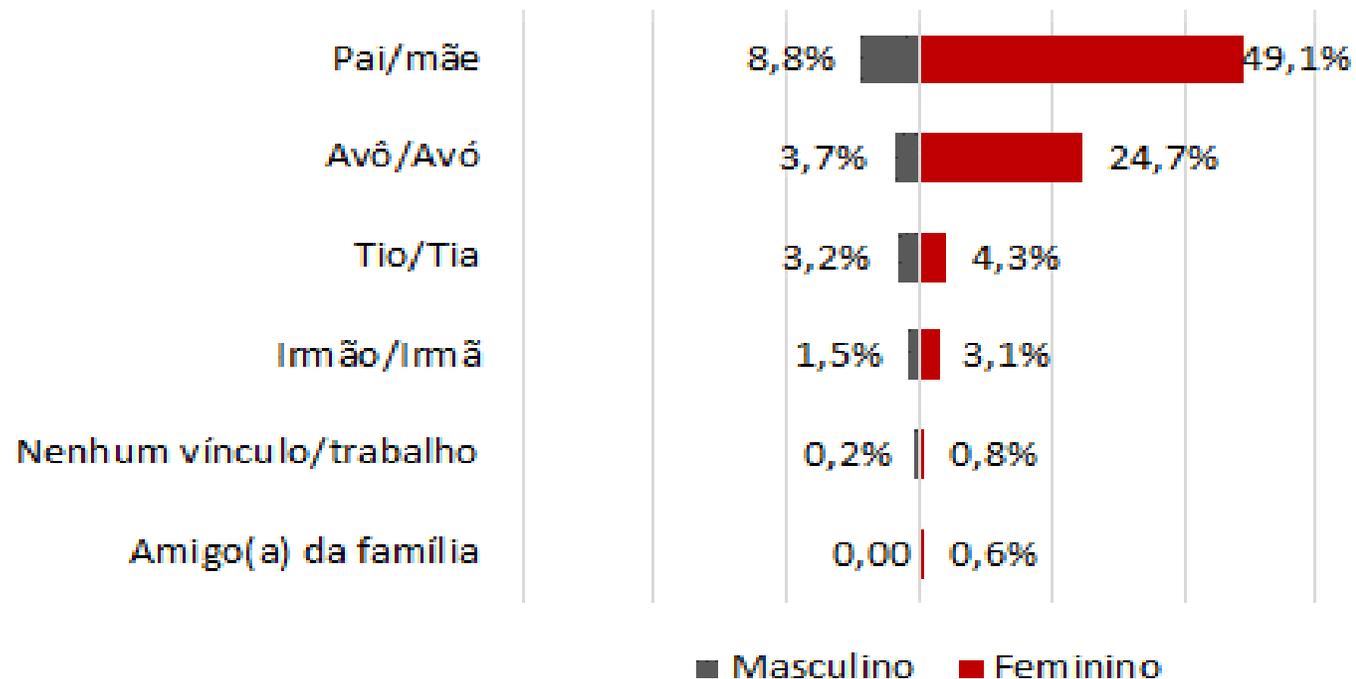
SEXO (%)



- Os dados estatísticos, aliados aos dados qualitativos, confirmam uma tendência amplamente referida acerca do perfil das pessoas envolvidas diretamente no cuidado de crianças pequenas:
 1. Estas pessoas são, em sua ampla maioria mulheres (82,6%), que se dividem entre afazeres domésticos, criação de filhos e trabalho informal.
 2. Os homens, por sua vez, em apenas em 17,5% dos casos se responsabilizam pelo cuidados com as crianças, seja porque estão ocupados com atividades profissionais externas, seja porque não fazem parte da vida das crianças.

PERFIL DE QUEM CUIDA

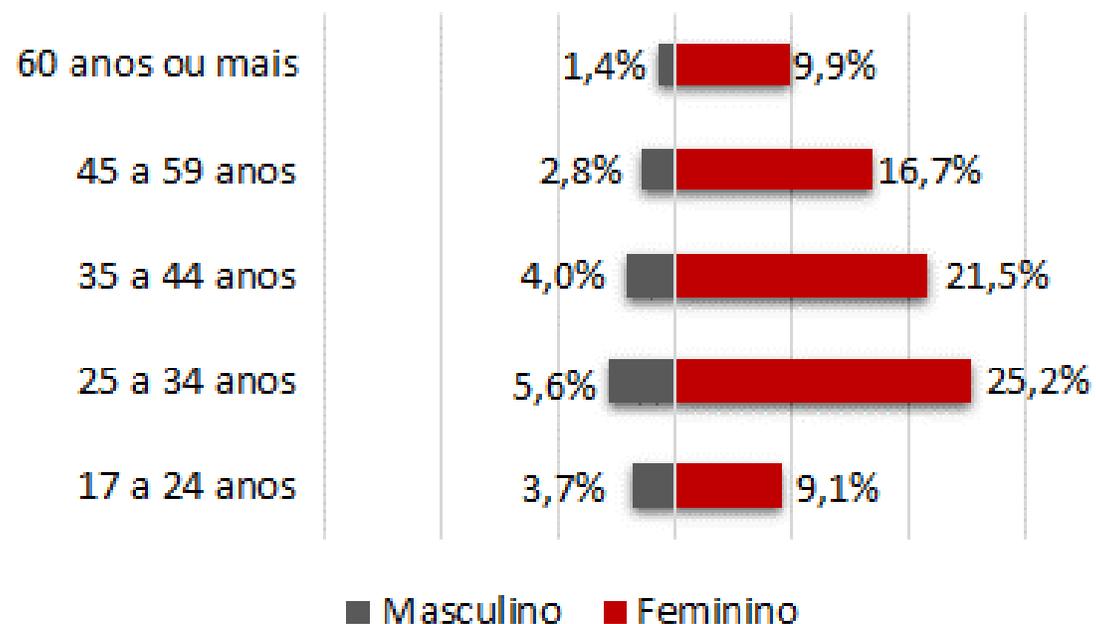
VÍNCULO COM AS CRIANÇAS (%)



- Os dados reforçam o **protagonismo feminino**, em que as **mães e avós (73,8%)** são as que cuidam;
- Demonstram, também, a força dos vínculos familiares mais próximos e sua centralidade na responsabilidade pelas tarefas e cuidado geral das crianças durante a primeira infância;
- Dentre os homens, são os pais e avôs que se responsabilizam pelo cuidado com as crianças (12,5%).

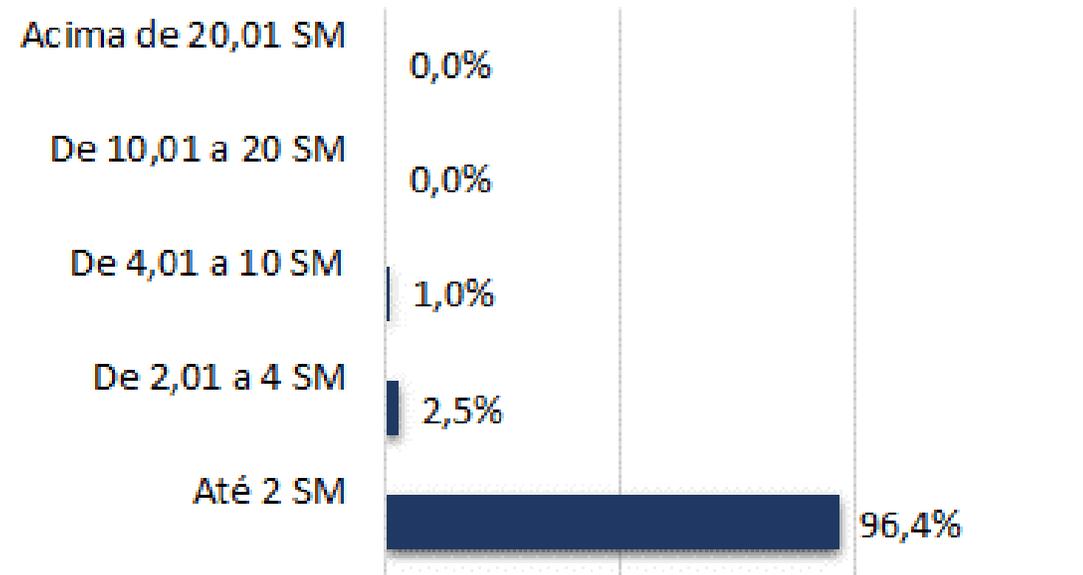
PERFIL DE QUEM CUIDA

IDADE/SEXO (%)



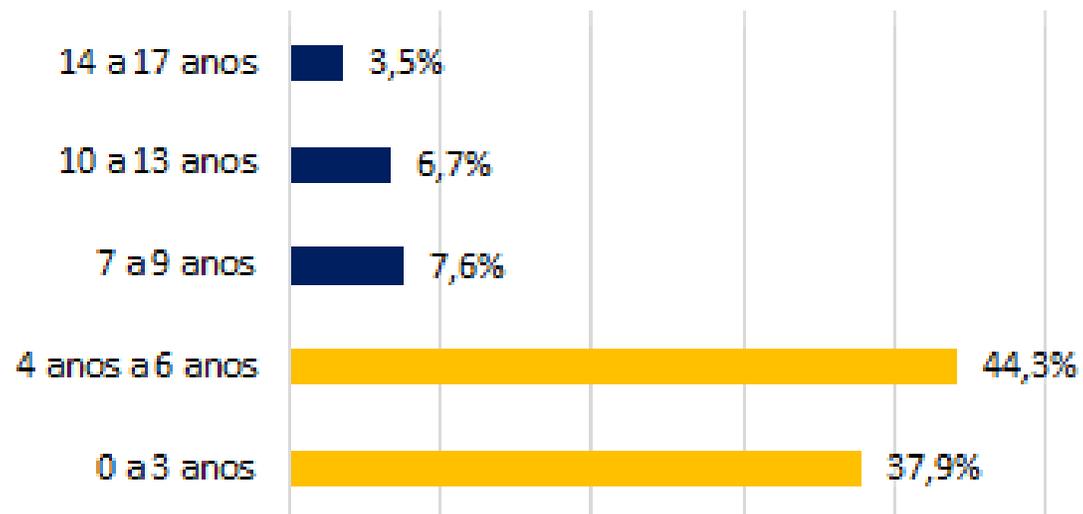
- As mulheres responsáveis pelo cuidado são prioritariamente jovens, entre 25 e 59 anos (63,5%), e com renda inferior a dois salários mínimos (96,4%).
- Assim, o que se observa é um perfil de cuidadores/as formado principalmente por mulheres jovens e sua rede de apoio, com acesso a pouquíssimo recurso financeiro, sem apoio dos homens.

RENDA DE QUEM CUIDA (%)



DE QUEM CUIDAM?

IDADE DAS CRIANÇAS CUIDADAS (%)



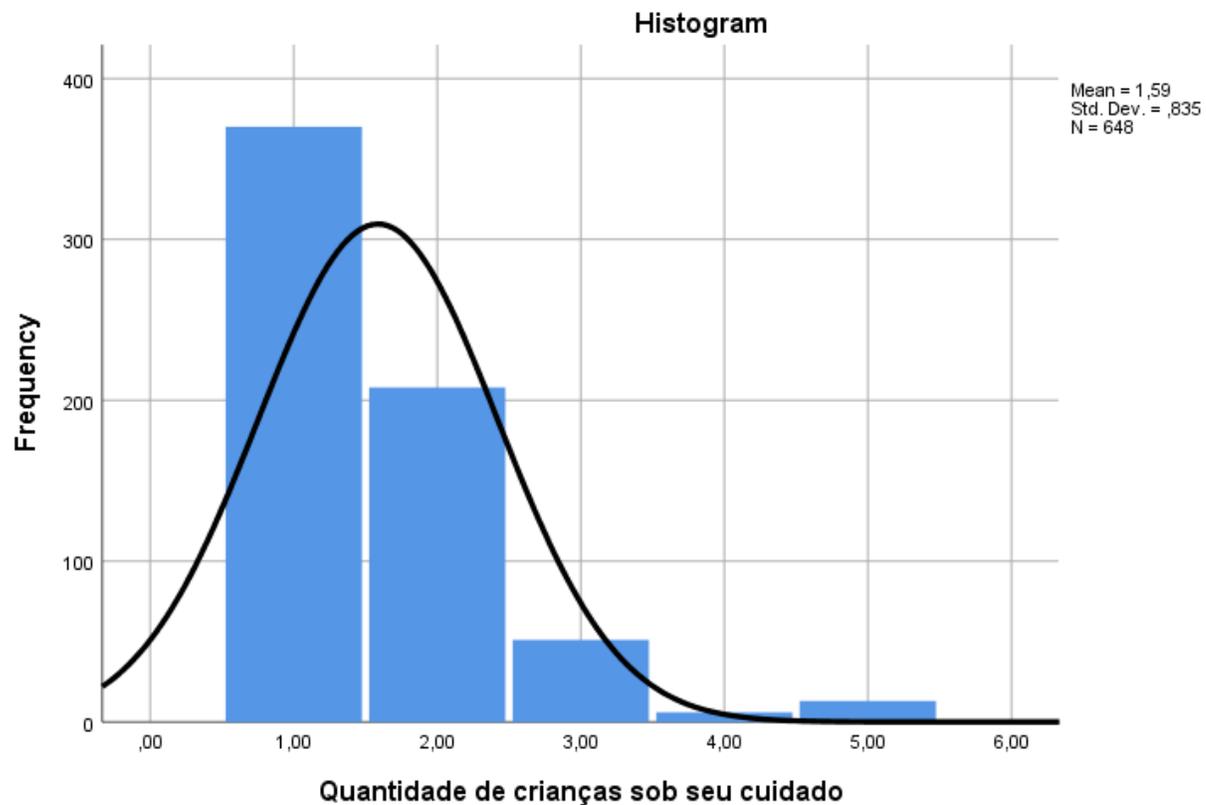
- Em relação a “de quem’ cuidam”, o que foi verificado é que **absoluta maioria das crianças está na primeira infância, entre 0 e 6 anos (82,2%);**
- Do total de crianças das comunidades, **2/5 estão na primeiríssima infância (0-3 anos).**
- As demais faixas etárias correspondem a apenas 17,8%.



Isso aponta para uma **prioridade estratégica** das Políticas Públicas para dar conta de desafios específicos para da **primeira e primeiríssima infância.**

DE QUEM CUIDAM?

NÚMERO DE FILHOS SOB OS CUIDADOS



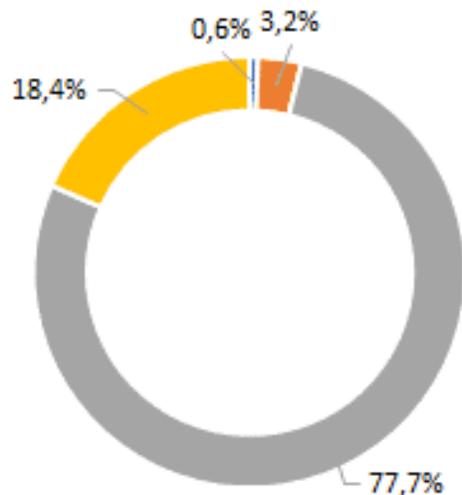
- As mulheres têm, geralmente, entre 1 e 2 crianças sob sua responsabilidade, sendo raríssimos os casos de famílias com 4 ou 5 crianças.
- Esse ponto é, particularmente, importante porque contraria o argumento pejorativo e preconceituoso em torno de Políticas Sociais, que defende que pessoas pobres teriam mais filhos para ter acesso a mais recursos financeiros, como o Bolsa Família. Os dados mostram exatamente o contrário.

2. COMO GERENCIAM SEU LIXO: COMPORTAMENTO DOS MORADORES SOBRE O DESPEJO DO LIXO



SE NÃO ACONTECE NA MINHA CASA, ESTÁ OK!

ONDE VOCÊ DESPEJA O LIXO DA SUA CASA? [%]



■ Em um coletor público ■ Em uma lixeira ■ Na frente de casa ■ Na rua

- No geral, as pessoas não consideram o lixo **responsabilidade delas a partir do seu descarte**, mesmo que sejam em frente às suas casas (o que ocorrem em 77% dos casos).
- Verificou-se que existe serviço de coleta do lixo com **regularidade diária** nas 3 localidades. E que os moradores sabem da existência da coleta. No entanto, **não se engajam aos horários e regras de descarte do lixo**;
- Os próprios moradores responsabilizam a “população” (como se não fossem parte dela) pelo acúmulo de lixo em pontos críticos;

O LIXO COMO CONFLITO



- Nos grupos focais, ficou evidente o ponto de conflito que é a discussão sobre gestão de lixo entre vizinhos;
- O lixo é um tema delicado, um ponto de conflito que pode colocar os sujeitos em posições de vulnerabilidade no território. Pode, inclusive, ocasionar riscos reais dos moradores sofrerem algum tipo de **violência**;
- É difícil incorporar o conceito de gestão responsável do lixo quando as condições de vida das pessoas as colocam em situações de precariedade e insalubridade.
- As mudanças de mentalidade demandadas pela consciência na gestão dos resíduos domésticos passam por fatores amplos como ausência de acesso a serviços básicos, saneamento e condições dignas de moradia;

SEPARAR É POSSÍVEL



- Por outro lado, alguns moradores já têm o hábito de separar o lixo e dar para catadores conhecidos.

✓ *20% das pessoas informaram que separam o seu lixo orgânico do reciclável.*

- **As pessoas entendem a coleta seletiva.** Mas as motivações precisam ser mais pragmáticas e perto da dinâmica cotidiana delas.

! *Atualmente não há nesses lugares coleta seletiva regular feita pelo poder público, ou em locais próximos.*

! *Os brindes dados pelo MVNM não são considerados motivantes o suficiente.*

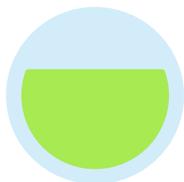
💡 *Para estimular a cultura da reciclagem, é necessário estimular com ações regulares e larga divulgação.*

O QUE APRENDEMOS E PARA ONDE SEGUIR?



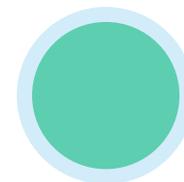
O SERVIÇO DE COLETA DE LIXO NÃO É O PROBLEMA!

Ele existe e funciona com regularidade nos bairros. É necessário um ajuste cultural entre hábitos e regras de coleta. Ações educativas e fiscalizadoras para que os moradores possam acompanhar os horários corretos da coleta podem ser mais eficazes do que a autogestão do lixo;



A GESTÃO DE RESÍDUOS É UM DESAFIO DE VIDA.

Não é possível esperar que a gestão do lixo seja feito apenas pelos residentes;
Necessária uma conexão com um plano municipal de gestão de resíduos sólidos que materialize ações continuadas nos territórios realizando parcerias e conectando boas práticas;



PROMOVER A COLETA SELETIVA NAS COMUNIDADES

Algumas famílias conseguem separar o lixo reciclável e entregar a coletores conhecidos
Necessária a criação de um Programa de recompensas com bônus que estimule a consolidação de mudanças de hábito na população

3. INTERAÇÃO COM A NATUREZA



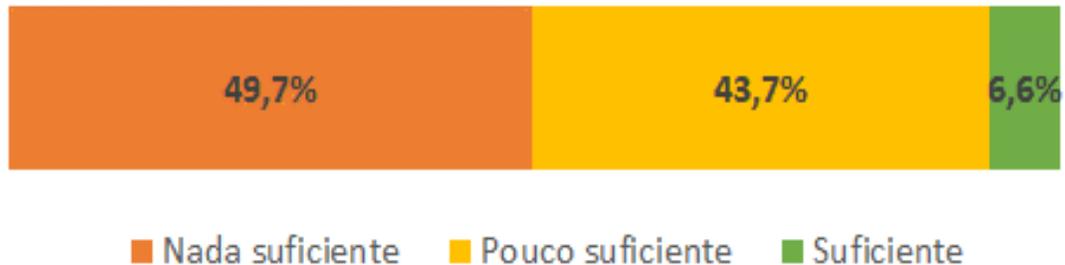
NATUREZA? NÃO HÁ NATUREZA AQUI!



- As pessoas demonstraram uma visão não integrada entre suas casas, vizinhança e natureza.
- **Locais de natureza são sempre distantes de casa,** descolados de suas realidades (mesmo em bairros com mar e rio);
 - ! *Visitas ao zoológico são a principal atividade de contato com a natureza reconhecida e praticada;*
- As pessoas têm dificuldade em identificar a presença da natureza em seu cotidiano;
 - 💡 *Estimular a percepção da natureza como parte dos espaços comunitários e de qualidade de vida.*
- Há uma naturalização da paisagem sem verde;
- **Vertical (prédio) + concreto = bairro rico**
(Pavimentar, cimentar e tirar o “mato” estão ligadas às noções de civilidade, progresso e ascensão social.

NATUREZA? NÃO HÁ NATUREZA AQUI!

NA SUA VISÃO, O CONTATO COM A NATUREZA NO SEU BAIRRO É...[%]



- Porém, 93% dos respondentes acreditam que **o contato com a natureza é insuficiente**;



O Programa já tem uma importante estratégia de trazer o verde para o cotidiano. As varandas-jardins na Lagoa Encantada são uma grande apropriação da cultura local na relação com a natureza.



*A estratégia de usar plantas nas intervenções devem ser articuladas com o uso de plantas que deem **sombra natural e conforto térmico**. Para crianças pequenas é uma estratégia muito importante.*



É preciso incorporar os saberes locais para gerar participação e cuidado com as plantas. Ex: árvores Brasília Teimosa e Horta Comunitária do Buriti.



O argumento de criar novas áreas verdes apenas em espaços públicos impede a criação de soluções dentro das residências (ex. Telhados verdes; Jardins individuais)

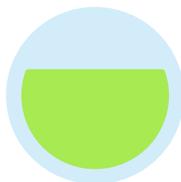
O QUE APRENDEMOS E PARA ONDE SEGUIR?



AUSÊNCIA DE VERDE NÃO É NATURAL

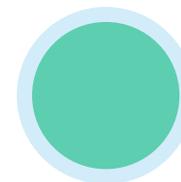
Os bairros mais caros da cidade possuem prédios altos e são vistos como referências de lugares desenvolvidos.

Importante problematizar o tema da relação com a natureza, principalmente com o público jovem, adolescentes e crianças para que incorporem em sua visão de bem-estar a presença e o cuidado com a natureza de forma integrada ao seu território;



NATUREZA DISTANTE OU INVISÍVEL

As pessoas têm uma percepção não integrada entre suas casas, bairros e natureza. O lugar da natureza está sempre longe de casa. Necessário estimular a percepção da natureza como parte dos espaços comunitários e como parte da qualidade de vida



RECONHECER A SABEDORIA LOCAL

É preciso incorporar conhecimentos locais para gerar participação e cuidado com as plantas. Os moradores já têm iniciativas criativas para lidar com os desafios do território. Por isso é necessário incorporar essas iniciativas aos projetos;

4. BRINCANDO NA RUA: BRINCAR COM CRIANÇAS DE 0-6 ANOS



É UM OUTRO TEMPO... UMA OUTRA CIDADE...

- O brincar na rua para a maioria das cuidadoras remonta a um passado nostálgico, de **uma época mais livre e mais segura para ser criança e brincar fora de casa:**
 - ! As cuidadoras tentam manter os filhos o máximo possível em casa **porque as ruas não são seguras**. Isso evoca a ideia de “boa” mãe VS mãe “negligente”. Diante da insegurança das ruas, as “telas” (celular, tv, computador, etc.) são a principal alternativa.
 - ! **A praça foi tomada!** Consumo de drogas ilícitas e álcool nos espaços públicos que seriam usados por crianças são uma grande barreira.

É UM OUTRO TEMPO... UMA OUTRA CIDADE...

- **Os quintais se foram!** As cuidadoras relataram que as famílias foram crescendo, construindo ampliações (“puxadinhos”) nas casas, acabando com quintais e áreas verdes onde podiam brincar.
- Além disso, os morros têm como características a tendência a um isolamento vertical das pessoas, com pontos de risco para as crianças, como **escadarias e ribanceiras**.



BRINCAR EXIGE INFRAESTRUTURA



- Para as cuidadoras, a brincadeira saudável depende de uma mobilidade segura para **adultos** e **crianças**;
- **Calçadas e vias acessíveis são desafios nas periferia:** Falta estrutura adequada que permita diferentes faixas etárias compartilharem os mesmos espaços sem riscos;

BRINCAR EXIGE INFRAESTRUTURA



BOA VIAGEM



BRASÍLIA TEIMOSA

- Para as cuidadoras, a brincadeira saudável depende de uma mobilidade segura para **adultos e crianças**;
- **Calçadas e vias acessíveis são desafios nas periferia:** Falta estrutura adequada que permita diferentes faixas etárias compartilharem os mesmos espaços sem riscos;
- **A qualidade dos parques também importa!**

! Os dados quantitativos demonstram que a maioria das pessoas (71,3%) **NUNCA** frequentam os espaços públicos do bairro.

! Moradores de Brasília Teimosa levam seus filhos para os parques da orla de Boa Viagem, assim como preferem frequentar esta praia do que o Buraco da Véia; No Buriti, as cuidadoras se deslocam para o Parque Urbano da Macaxeira;

! Moradores (cuidadoras e residentes em geral) relataram que **existem diferenças na qualidade dos brinquedos em áreas nobres e periféricas.**

O QUE FALTA PRA BRINCAR NA RUA?

OBSTÁCULOS AO USO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DO BAIRRO (%)



- Na escuta dos grupos focais, as cuidadoras, foram unânimes em colocar a questão da violência como algo que impede de seus filhos brincarem mais na rua;
- Isso se alinha com as dificuldades apontadas pelos dados quantitativos, que indicam como principais problemas:



1. **Ausência de equipamentos para crianças menores (28,2%):** brinquedos/parquinhos + espaço controlado + trocador de fraldas
2. Falta de segurança para o uso dos espaços (18,5%);
3. Sujeira e má conservação (13,4%)



Criar espaços seguros para as crianças, que sejam também confortáveis para quem cuida (sentimento de atenção e risco constantes).

5. CULTURA DA PRIMEIRA INFÂNCIA: CONHECIMENTO DOS CUIDADORES SOBRE A IMPORTÂNCIA DESSA CULTURA



“QUANDO EU ERA CRIANÇA, MINHA PRINCIPAL BRINCADEIRA ERA CORTAR CANA”

- Há uma sensação de infância abreviada nas culturas periféricas, em geral, porque têm a necessidade de trabalhar quando são crianças para complementar a renda familiar.
- **“O que é primeira infância?”** A expectativa sobre as atividades na primeira infância varia de acordo com a realidade local, classe social e condições financeiras do cuidador.
- **“Nós brincamos como sabemos”**. Os parâmetros de uma infância “feliz e saudável” não podem ser medidos de forma homogênea. É muito comum que a infância de pessoas periféricas tenha fortes marcas de trabalho, vulnerabilidade e falta de brincar.



Promover as crianças a brincar com os pais requer o conhecimento dos hábitos dos primeiros anos de vida dos pais.

PRIMEIRA INFÂNCIA VS JORNADA (RE)PRODUTIVA

- Nas três comunidades que realizamos a investigação, ouvimos das cuidadoras como a política pública para a primeira infância está ainda internalizada pelo duo Saúde-Educação;
- O Programa Mais Vida nos Morros coloca o tema da primeira infância nas ações de infraestrutura. Uma inovação que o Recife traz nos últimos 4 anos é inserir a política para primeira infância fora do clássico dueto Saúde-Educação;
- A ideia de primeira infância como um conceito utilizado pelo Estado não é ainda internalizada pela população cuidadora. O que utilizam no cotidiano é o termo “bebês”, “crianças pequenas” e mulheres “gestantes”;

A preocupação com segurança, bem estar e desenvolvimento dessa faixa etária gira em torno da **necessidade de ter um lugar seguro para deixar as crianças enquanto as mães trabalham**, procuram um trabalho ou, simplesmente, cuidam de si, no caso as creches, as creches-escolas e as escolas de Ensino Fundamental



UM OLHO NO PEQUENO, OUTRO NO GRANDE...

- A preocupação com crianças mais velhas e adolescentes é uma alerta dado quando estivemos no campo. Crianças mais velhas são mais independentes, e não ficam muito sob o controle dos adultos, portanto, mais vulneráveis.
- **Num contexto periférico, a rua é o foco de várias vulnerabilidades e a preocupação com as crianças cresce quando começam a ganhar a rua (uso de drogas, risco de violência, etc.).**
- A preocupação com as crianças pequenas está refletida com os jovens no sentido de **projeção**. Ora, se eu vejo que é seguro para o jovem onde eu moro, quando eu olho para meu filho de 3 anos, a perspectiva de futuro é menos preocupante.



Estas questões não são responsabilidades da Secretaria de Inovação Urbana ou do MVNM, mas **o programa se tornou a conexão mais próxima da prefeitura com a população**. Por isso precisam acionar o Estado para resolver problemas tangenciais, redistribuindo demandas.



O QUE APRENDEMOS E PARA ONDE SEGUIR?



DE QUE INFÂNCIA ESTAMOS FALANDO?

A concepção de infância de qualquer ação de intervenção precisa se aproximar da realidade local.

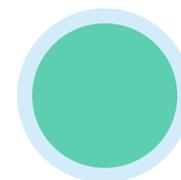
Um tipo ideal, romantizado, ou com referências muito distantes não vai conseguir comunicar com a população a ser beneficiada;

A primeira infância extrapola o clássico dueto Saúde-Educação, assim, o tema deve ser inserido de maneira ampliada nos diferentes setores das políticas públicas.



O CUIDADO CABE ÀS MULHERES

Os dados quantitativos e qualitativos mostram como as mulheres são as maiores responsáveis pelo cuidado das crianças de 0 a 6. Numa realidade de multitarefas, as mulheres acumulam cuidados com a casa e com as crianças e trabalhos informais.



CUIDADO E SOBRECARGA

O cuidado das crianças realizado apenas pelas mulheres as impedem de trabalhar “fora”, ou mesmo realizarem afazeres domésticos. Isso exige a criação de locais seguros para deixarem as crianças. É fundamental ampliar a rede de creches ou ampliar as vagas nas creches existentes, assim como apoiar as redes de cuidado solidário.

6. BRINCAR COM PAIS:

COMO INCENTIVAR AS CRIANÇAS A BRINCAREM COM OS PAIS?



“TENHO QUE DEIXÁ-LO COM MEU VIZINHO”

- Estimular brincadeiras com as crianças, em um contexto em que as mulheres estão sobrecarregadas pelo trabalho reprodutivo e produtivo, pode significar uma intensificação da dupla jornada feminina.
- Teoricamente, creches suficientes para crianças deveriam resolver o problema. Porém, é necessária a criação de espaços de lazer para as crianças, que também sejam lugares de bem-estar e sociabilidade para as mães.
- As cuidadoras têm em média 1,5 filhos para cuidar. 32% dos cuidadores são responsáveis por 2 crianças, podendo chegar a 5 crianças por cuidador.
- Há uma forte ausência da figura paterna: Em 82,6% dos casos os cuidadores são mulheres. Entre eles estão principalmente mães (49,1%) e avós (24,7%).

QUANDO O LÚDICO DÁ LUGAR AO TRABALHO...

- É preciso levar em consideração fatores como a rotina, o repertório subjetivo do brincar, as relações de gênero e modelos de masculinidade, e, por fim, a tecnologia (internet, *smartphones* cada vez mais presente na vida das pessoas);
- É, preciso levar em conta como são as jornadas diárias de trabalho dessas pessoas.;

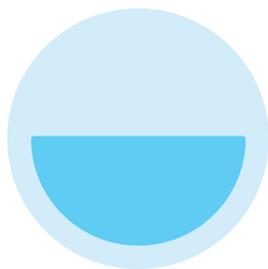
Os pais, trabalham fora, ou, se estão desempregados, estão em busca de trabalho remunerado; Os homens desses locais não costumam passar o dia em casa. As mulheres estão cuidando do trabalho reprodutivo (doméstico), ou acumulam a dupla jornada de trabalhar fora e ainda dar conta dos afazeres da casa. Elas estão cansadas;

 É muito comum que nas periferias essa infância tenha marcadores de trabalho, de muita vulnerabilidade, de ausência do lúdico.

 Então, promover o encorajamento de crianças brincando com seus pais passa por esses repertórios de vida;



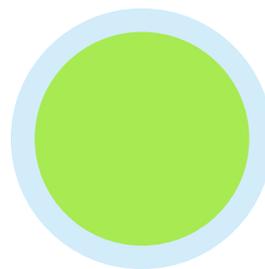
O QUE APRENDEMOS E PARA ONDE SEGUIR?



FALTAM ATIVIDADES PARA CRIANÇAS E CRECHES

Estimular brincadeiras com as crianças, em um contexto em que as mulheres estão sobrecarregadas pelo trabalho reprodutivo e produtivo, pode significar uma intensificação da jornada de trabalho feminina.

É necessário criar espaços de lazer para as crianças que também sejam lugares de bem-estar e convivência para as mães.



BEM-ESTAR PARA CUIDADORAS INFLUENCIA IDA AOS PARQUES

Investir em melhorar os trajetos que ligam os bairros às áreas públicas dos arredores onde se costumam levar as crianças para brincar e ter momentos de lazer em família (rotas com calçadas e vias acessíveis).

Investir na qualidade e conforto dos equipamentos e mobiliários das áreas de lazer para crianças e suas cuidadoras pode estimular o uso dos espaços no próprio território.

7. AVALIAÇÃO DO MAIS VIDA NOS MORROS



O LEGADO DO MVNM



Melhoria radical na habitabilidade dos locais que receberam intervenção.

Construção de novas centralidades urbanas na cidades à parti dos bairros

Microplanejamento da cidade



Os moradores desenvolveram um carinho pela vizinhança.

Melhoria na autoestima dos residentes.

Os moradores não sentem vergonha de sua vizinhança.



A interação entre os moradores foi mais forte e foi criado um senso de cooperação entre o poder público e a comunidade.



Há um contato direto com quem faz as políticas públicas.

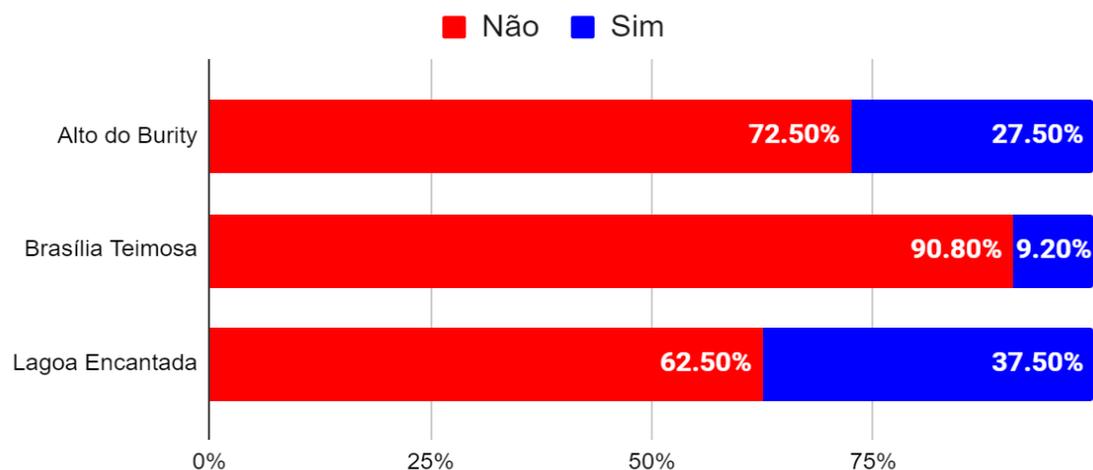
A relação entre o poder público e os moradores mudou.

A impessoalidade do poder público foi desmistificada.

SE VOCÊ PUDESSE
DEFINIR O MVNM EM
UMA PALAVRA, QUAL
SERIA?



VOCÊ CONHECE O PROGRAMA MAIS VIDA NOS MORROS? [%]



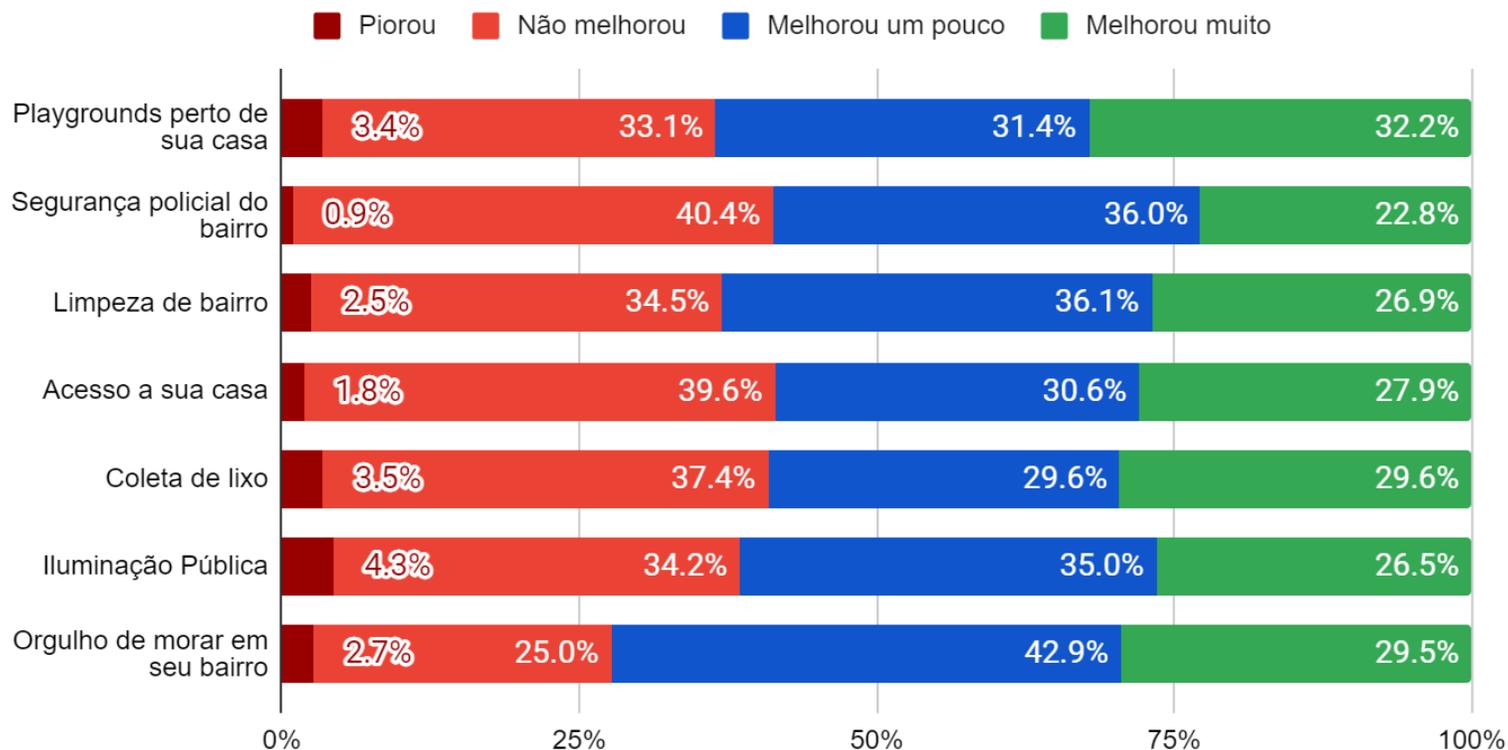
- A nuvem de palavras e o gráfico ao lado indicam um ponto importante sobre o MVNM: **A absoluta maioria dos moradores não conhece o Programa.**

- Isso se dá por dois motivos:

- 1. Comunicação excessivamente exógena:** é mais fácil ver o impacto das ações por quem passa por fora da comunidade do que para as pessoas que transitam no bairro cotidianamente. As estratégias de comunicar “para dentro” e “para fora” da comunidade não precisam ser opostas. Ao contrário, precisam se combinar de maneira equilibrada.
- 2. As estratégias de escuta e diálogo com a comunidade** são ainda muito deficientes e inadequadas. **Essas estratégias devem ser o alicerce do Programa** e, assim como as fundações das obras são pensadas por engenheiros, a participação e o diálogo social com as comunidades precisam ser pensadas por profissionais especializados (antropólogos, sociólogos, assistentes sociais).

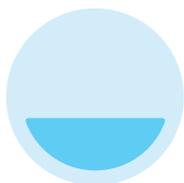
AVALIAÇÃO DO MAIS VIDA NOS MORROS

QUAL É A CONDIÇÃO DOS SERVIÇOS PÚBLICOS ABAIXO APÓS A PASSAGEM DO MVNM? [%]



- As melhorias implementadas pelo MVNM nas comunidades são facilmente visualizadas pela população.
- Contudo ainda há níveis altos de insatisfação, que podem estar associados ao nível de desconhecimento do programa.
- O ideal é monitorar esses indicadores antes e depois de cada intervenção para poder medir o impacto.

O QUE APRENDEMOS SOBRE O MVNM?



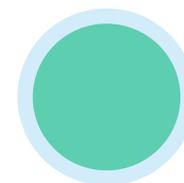
“A COMUNIDADE ME ENSINOU A NÃO SER FRIO AO REALIZAR UM PROJETO”.

Parceira com os moradores é percebida pela equipe MVNM como um valor. Isso sinaliza novas formas de presença do poder público junto à população onde a efetividade perpassa **novas concepções de participação e cooperação.**



SUPER EQUIPE TÉCNICA!

É relevante destacar a capacidade de realização da equipe técnica do Programa, fazendo convergir diferentes expertises que, combinados, promovem a realização de ações integradas durante a execução do Programa nas comunidades beneficiadas.



AUSÊNCIA DE FLUXOS E PACTUAÇÕES FORMAIS...

... para ações interinstitucionais dentro da própria prefeitura são um grande gargalo.

A cooperação é estabelecida através de relações pessoais e trocas de favores que impedem que um fluxo de contraprestações institucionais e pactos de cooperação e corresponsabilidade sejam estabelecidos.

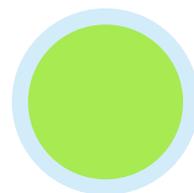
O QUE APRENDEMOS SOBRE O MVNM?



COMUNICAÇÃO APENAS “PARA FORA”.

A comunicação do MVNM é pensada unicamente numa perspectiva de promoção do Programa, de demonstrar o que vem sendo realizado e com uma perspectiva bastante exógena.

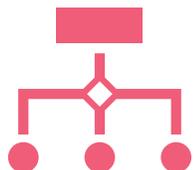
As pessoas das comunidades pouco acessam ou interagem com estas estratégias comunicativas, o que é confirmado pelos dados quantitativos, que indica grandes percentuais de desconhecimento sobre as ações do Programa em todas as comunidades.



UM ESPECIALISTA PRA CADA COISA.

O diálogo com a comunidade é realizado de forma pouco estruturada e por profissionais de outras áreas (engenheiros, arquitetos, etc). As estratégias comunicativas junto a comunidade precisam de profissionais específicos (antropólogos, sociólogos, assistentes sociais) para envolver e estimular a participação dos moradores no Programa, informar o que ele é e o que pretende para a comunidade, etc.

RECOMENDAÇÕES



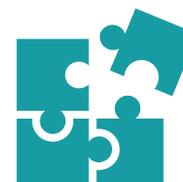
Estabelecimento de **fluxos de cooperação interinstitucional** com órgãos estratégicos da municipalidade para garantir execução de ações do Programa e estimular a ampliação das intervenções de outros órgãos nos territórios;



Buscar maior **autonomia financeira** para o Programa através de maior investimento público;



Qualificar as **ações comunicativas** do Programa pensando estratégias voltadas para o reconhecimento do Programa nos territórios de atuação;



Construção de **fluxos de trabalho** que viabilizem mais trocas entre os diferentes eixos de ação do Programa para que a equipe consiga ter uma **noção mais ampla do todo**;



Promover um **alinhamento da equipe** acerca dos eixos prioritários do Programa;



Estabelecer processos de **escuta qualificada** e estratégias de tomada de decisão que potencializem os saberes locais para fortalecer o engajamento duradouro e o estabelecimento de relações de pertencimento da comunidade em relação ao projeto.

OBRIGADO(A)!

OXY Pesquisa & Desenvolvimento Social Ltda

CNPJ: 21.246.018/0001-48

Endereço: R. da Aurora, 325 - Sala 1101 - Boa Vista, Recife - PE. CEP: 50050-400

Telefone: +55 81 9 9848-8969

E-mail: rafael@oxy.social

Site: <http://oxy.social/>